

“Você disse que queria ficar sozinha”, ele diz suavemente. “Além disso, agora que eu não preciso molhar seu rabo a cada duas horas, não preciso cuidar de você tanto.”

“Entendo”, eu digo, de repente sem fome. Eu coloco o prato na mesa. “Então eu só devo passar meus dias aqui assim, com você só aparecendo quando tem vontade para me jogar um pouco de pão?”

Ele me encara, sua expressão curiosa, como se estivesse tentando desvendar um quebra-cabeça.

“O que exatamente você espera de mim?” ele pergunta.

Minha mente gira, alimentada pelo álcool.

Não consigo esquecer meu plano.

Seduzir, destruir, escapar.

Eu ainda sou uma Syren, não importa o que aconteça.

“E quanto à companhia?” eu pergunto a ele, tornando minha voz mais suave. “Você não

se importa com o quão sozinha eu vou me sentir neste quarto frio e escuro? Você não sabe

o que é solidão?”

Ele se encolhe como se tivesse levado um tapa. “Claro que sim. Solidão é tudo que eu conheço. Estou abandonado no fundo do mundo.”

“Então você não precisa ser tão cruel comigo”, digo a ele, me contorcendo no meu assento até ficar de joelhos na frente dele. “Você não precisa me torturar.”

“Cruel?” Sua garganta balança enquanto ele engole em seco, seu olhar no meu peito.

“Eu vou mantê-lo vestido, banhado, alimentado. O que mais você poderia pedir?”

“Um corpo quente”, digo a ele. “Um pouco de companhia para essas noites escuras.”

“Você é meu prisioneiro. Você é... um animal de estimação.”

“Até os animais de estimação merecem um pouco de gentileza, não é?”

“Não se você estiver planejando matá-los um dia.”

Ele diz isso como uma forma de me assustar, e isso me assusta porque eu ouço a verdade amarga em sua voz. Mas mesmo assim, eu me inclino em direção a ele, o suficiente

para perder o equilíbrio e me lançar em sua direção.

Ele estende a mão e me agarra pelos ombros, me segurando para trás.

Eu o encaro, despejando cada grama de sedução em meus olhos, esperando que eles tenham algum efeito sobre ele.

Eu sei que ele me quer, me deseja; não há dúvida nisso.

Eu só preciso afrouxar a corda que o prende também, aquela em que ele não sabe que está enredado.

“Você queria tirar minha voz”, eu sussurro, observando suas pupilas

se tornarem buracos negros. “Então me beije até que eu não consiga falar.” Meu olhar cai para o dele